



Infância roubada: testemunho infantil em *As gêmeas de Auschwitz* (2020), de Eva Mozes Kor (1934-2019)

Stolen childhood: child testimony in *The Auschwitz Twins* (2020), by Eva Mozes Kor (1934-2019)

Denise Rocha*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

rocha.denise57@gmail.com

Resumo: As gêmeas Eva Mozes e Míriam, nascidas em Portz, na Romênia, perderam suas infâncias por serem judias: aos 10 anos, em maio de 1944, elas e familiares chegaram em Auschwitz, onde as meninas foram vítimas dos experimentos humanos, praticados pelo Dr. Josef Mengele, até janeiro de 1945, quando o campo foi libertado. Pais e irmãs morreram. O estudo será baseado nas reflexões sobre a memória e o testemunho de Halbwachs e de Seligmann-Silva, no conceito de infância e suas modificações através dos tempos, e a ruptura desse momento de afeto e proteção infantil na época de perseguição nazista aos judeus.

Palavras-chave: Literatura de testemunho. Holocausto. Experimentos humanos.

Abstract: Twins Eva Mozes and Miriam, born in Portz, Romania, lost their childhood because they were Jewish: at the age of 10, in May 1944, they and their family arrived in Auschwitz, where the girls were victims of human experiments carried out by Dr. Josef Mengele, until January 1945, when the camp was liberated. Parents and sisters died. The study will be based on reflections on the memory and testimony of Halbwachs and Seligmann-Silva, on the concept of childhood and its modifications over time, and the rupture of this moment of affection and child protection at the time of Nazi persecution of the Jews.

Keywords: Testimonial literature. Holocaust. Human experiments.

Introdução

“às crianças do mundo que sobreviveram à negligência e ao abuso, pois quero honrar a sua luta para superar o trauma de terem perdido a infância, a família e o sentimento de pertencimento a uma família”.¹

Na dedicatória, acima mencionada, a sobrevivente Eva Mozes na obra, *As gêmeas de Auschwitz*: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno, publicada no Brasil, em 2023, enfatizou as profundas perdas provocadas pelo secular

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

¹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 7.



antisemitismo europeu, que culminou no holocausto dos judeus em campos de concentração, de trabalho e de extermínio, organizados e administrados pelo governo nazista, durante a II Guerra Mundial.

Eva Mozes e sua irmã gêmea Míriam, nascidas em 31 de janeiro de 1934, em Portz, Transilvânia, na Romênia, perderam suas infâncias por serem judeus: aos 10 anos de idade, em maio de 1944, elas e familiares chegaram em Auschwitz, onde as meninas idênticas foram vítimas dos experimentos humanos hediondos, praticados pelo Dr. Josef Mengele e equipe. No dia 27 de janeiro de 1945, quando o exército soviético ocupou o referido campo e libertou todos, as crianças iam completar 11 anos e, ainda não sabiam que os pais e as duas irmãs mais velhas tinham morrido.

O plano de destruição dos judeus durante o nazismo teve como um dos principais artífices o General Reinhard Heydrich (1904-1942), chefe do *Sicherheitsdienst* (Serviço de Segurança).²

Judeus dos países membros do Eixo - Hungria (nov. 1940), Romênia (nov. 1940), Eslováquia (nov. 1940), Bulgária (mar. 1941), Iugoslávia (mar. 1941) e Croácia (jun. 1941) – sofreram todos os tipos de represálias antisemitas. A família de Eva Mozes era residente em Portz, na Romênia, no entanto, em 1940, o governo húngaro de Miklós Horthy, aliado de Hitler, recebeu dele a parte mais ao norte da Transilvânia e, por isso, Portz foi ocupada por nazistas húngaros. Os Mozes foram confinados em março de 1944, no gueto de Cehei, e depois, em maio de 1944, eles foram transportados para Auschwitz, campo polonês administrado por Rudolf Röss (1901-1947).



Figura 1 – Míriam e Eva Mozes (1949), parecidas com a mãe Jaffa

² Heydrich organizou o incêndio e a destruição dos negócios judaicos e das sinagogas: Na noite de 9 a 10 de novembro de 1938, na Alemanha, aconteceu a primeira tragédia do holocausto, conhecida como a *Kristallnacht* (a Noite de Cristal) com a destruição de vitrines e janelas de estabelecimentos dos judeus, das instituições religiosas, o confisco dos arquivos e a prisão dos mais influentes. Em 21 de setembro de 1939, Heydrich enviou um telegrama para os chefes de todos os *Einsatzgruppen* (grupos de intervenção) com instruções para confinamento dos judeus em guetos, criação dos *Judenräte* (Conselhos dos Judeus), realização de censos etc. Em 31 de julho de 1941, Heydrich organizou a implementação da *Endlösung der Judenfrage* (Solução Final para a Questão Judaica) nos territórios controlados pelos alemães. Em 31 de dezembro de 1941, ele chefiou a Conferência de Wannsee sobre a implementação do plano do genocídio.



O prólogo de *As gêmeas de Auschwitz* apresenta a chegada da família Mozes na Polônia, segundo as recordações tenebrosas de Eva: Depois de cerca de quatro dias de viagem em vagões de gado, na penumbra, sem ventilação adequada, nem água ou alimentação, com um balde para as necessidades pessoais, os judeus chegaram no ponto final, ainda desconhecido, daquela infame trajetória. O local cercado com arame farpado, tinha altas torres de vigilância, e patrulhas da SS-Schutztafel (Forças de proteção) com amedrontadores cães da raça pastor alemão, em coleiras. Na plataforma era feita a seleção das pessoas aptas ou não para os trabalhos: as saudáveis eram apartadas daquelas consideradas frágeis que seguiam para a câmara de gás e depois para o crematório. Um dos recrutadores na plataforma gritou Zwillingen (Gêmeas):

Míriam e eu tínhamos sido escolhidas. Logo estariámos frente a frente com Josef Mengele, o médico nazista conhecido como o Anjo da Morte. Era ele que, na plataforma, selecionava os que iriam viver e os que iriam morrer. Mas ainda não sabíamos disso. Tínhamos apenas dez anos de idade.³

Apesar da suposta fragilidade feminina, física e psicológica, separada dos pais e das irmãs mais velhas, a menina Eva assumiu a difícil tarefa de sobreviver em Auschwitz e Birkenau, campo filial, e tentou de todas as formas, acalmar e incentivar Míriam, para lutar contra todas as adversidades. Ela atendia ao pedido do pai, feito no vagão de gado: “- Prometam-me que, se qualquer um de vocês sobreviver a esta guerra terrível, irão para a Palestina, onde vive seu tio Aaron e onde os judeus podem viver em paz”.

⁴

O estudo “Infância roubada: testemunho infantil em *As gêmeas de Auschwitz*: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno (2020), de Eva Mozes Kor (1934-2019)”, obra escrita em colaboração com Lisa R. Buccieri, será baseado nas reflexões sobre a memória e o testemunho de Halbwachs e de Seligmann-Silva, bem como a respeito do conceito de infância e suas modificações através dos tempos, e a ruptura desse momento de afeto e proteção infantil na época de perseguição aos judeus, durante a II Guerra Mundial.

1 A infância interrompida

A etimologia de infância refere-se ao conceito de *infans*, alguém que não fala (do latim *fari*: dizer, falar). No *Glossário da Educação Infantil*, o verbete tem a seguinte explicação:

INFÂNCIA é uma categoria geracional diversa, socialmente, construída, que varia a depender da região, da cultura e do tempo histórico, por isso, apesar de ser a fase inicial da vida do ser humano, existe uma pluralidade no modo como as crianças

³ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 11.

⁴ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 36.



vivem a experiência da infância. Não é só um fenômeno biológico e nem mesmo um período experienciado por meio de fases comuns e sequenciais a todas as crianças.⁵

A compreensão atual de infância apareceu no interior das classes médias, formadas na burguesia e, em consequência disso, surgiram novas demandas para o atendimento das necessidades infantis:

A ideia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbana-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura.⁶

Na infância, que é a etapa inicial da vida entre o nascimento até os doze anos de idade, as experiências vivenciadas afetam o desenvolvimento físico, mental, emocional e social das pessoas. Segundo o pediatra Marcelo Lamposkly: “O afeto é fundamental desde o período intrauterino”, e constata que: “Ao receber afeto, a criança tem um ambiente de segurança, sente que é amada, que tem alguém responsável que cuida dela. Isso é essencial para o desenvolvimento para a autoestima, para que tenha tranquilidade e confiança nela mesma”.⁷

O sentimento moderno de infância evoca a existência, a valorização e as especificidades da criança, que não são praticadas da mesma forma, pois depende das condições econômicas e socioculturais familiares. A situação política também pode influenciar a infância: As etapas da vida infantil abaladas pelo antissemitismo, na Romênia e na Alemanha nazista, e pela guerra europeia (1939-1945), são delineadas na obra, *As gêmeas de Auschwitz*, que é um testemunho literário sobre o Holocausto judeu.

2 O testemunho (Halbwachs e Seligmann-Silva)

No dia 27 de janeiro de 1945, os 7500 de prisioneiros de Auschwitz foram libertados pela 322^a Divisão de Rifles do 60.^º Exército de Frente Ucraniana do Exército Soviético. Quatro dias mais tarde, as gêmeas Eva e Míriam Mozes completaram 11 anos de idade. Sessenta e quatro anos mais tarde, Eva, residente em Terre Haute, Indiana, E.U.A.,

⁵ GLOSSÁRIO, s.d., p. 11.

⁶ KRAMER, 1995, p. 19.

⁷ LAMPOSKLY APUD COSTA, 2022, p. 1.



casada com Michael Kor, desde 1960, mãe de Alex e Rina, em colaboração com Lisa Rojani Bucieri, conseguiu a publicação de seu livro de memórias, em 2009.

A memória individual da vítima de experimentos do Dr. Mengele, em Auschwitz – Birkenau, reflete também vivências de outras pessoas gêmeas que chegaram em vagões de cargas e foram selecionadas na plataforma de triagem do trem, para estudos de eugenia etc.

Na obra, *A memória coletiva*, Maurice Halbwachs enfatiza que a reminiscência “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.⁸ Esse autor ressalta ainda que: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade nunca estamos sós”.⁹ Portanto, tais reminiscências escritas e publicadas tem o caráter de testemunho literário.

O termo ‘testemunho’ e a sua dimensão com a literatura é delineado por Márcio Seligmann- Silva no estudo, *Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento*:

O conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do “real”. Em um extremo dessa modalidade testemunhal encontra-se a figura do *mártir* – no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte –, termo que vem do grego *mártur* e significa testemunha ou sobrevivente (como o *superstes* latino). Devemos, no entanto, por um lado, manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um “martírio” pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal.¹⁰

Para Seligmann-Silva, o testemunho revela “o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade”, ou seja: “Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “real”) com o verbal”.¹¹ O testemunho indica uma ambiguidade: de um lado, a necessidade do sobrevivente em contar e, de outro, a precariedade da linguagem para narrar o desespero, a dor, as angústias e as perturbações do trauma.

⁸ HALBWACHS, 2004, p. 102.

⁹ HALBWACHS, 2003, p. 26.

¹⁰ SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46. Grifos do autor.

¹¹ SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46. Grifos do autor.



O depoimento de sobrevivente vincula-se às lembranças da tragédia, individual e coletiva, notórias nas experiências do Shoah no gueto de Cehei, na Romênia, e em Auschwitz-Birkenau, na Polônia, sofridas por uma criança de 10 anos e sua irmã, Eva Mozes e Miriam.

3 O testemunho literário: De uma fazenda em Portz (Romênia) a Auschwitz (Polônia)

Em *As gêmeas de Auschwitz*, Eva evoca a trajetória de sua família, moradora no vilarejo romeno de Portz, localizado perto da fronteira com a Hungria. Os pais, Alexander Mozes e Jaffa, nascida Hersh, se expressavam em iídiche, um idioma da família indo-europeia, do subgrupo germânico, falada por judeus, principalmente, na Europa Central e na Europa Oriental. O casal concebeu as filhas Edit, Aliz e as gêmeas, Eva e Míriam, que nasceram em 31 de janeiro de 1934. Moravam em uma ampla residência de uma fazenda, que mantinha animais (vacas e ovelhas), aves (galinhas e gansos), além de ter vinícola, horta, pomar, e produção de batata, feijão, trigo e milho. Levavam uma vida de muita fartura e vivência com os ensinamentos religiosos judaicos.

A gêmea mais nova Eva narra, que desde a infância, ela sofria pelo fato do genitor exteriorizar sua insatisfação em não ter gerado um filho, depois de ter já concebido duas filhas, Edit e Aliz:

Meu pai, um judeu religioso, sempre quis ter um menino, porque à época apenas um filho podia participar da adoração pública e entoar o *Kaddish*, a oração dos enlutados para os judeus, quando alguém morria. Mas papai não teve um menino, só a mim e minhas irmãs. Como eu era a mais nova das gêmeas e a última filha, ele muitas vezes me olhava e dizia: “Você deveria ter sido um menino”.¹²

Desde muito pequena, portanto, ela era confrontada com a insensibilidade e a acusação do pai, o qual negava a biologia genética, que atribuía aos genes do homem a maior influência no sexo do nenê. A criança teve que crescer com tal tipo de desprezo.

3.1 O antisemitismo latente na Romênia e durante a ocupação nazista

A família Mozes, a única judia do lugar, estava exposta ao tradicional antisemitismo romeno. Segundo Robert S. Wistrich em *Hitler e o Holocausto*, o governo da Romênia considerava os judeus como estrangeiros: a eles, depois da I Guerra Mundial, foi concedida a cidadania sob pressão das Forças Aliadas, mas que foi revogada em dezembro de 1937. Nessa época, a população judaica era constituída por cerca de 750.000 pessoas.¹³

¹² MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 15 e 16.

¹³ WISTRICH, 2002, p. 218 e 219.



No ano de 1935, Alexander Mozes e seu irmão Aaron foram presos pela Guarda de Ferro, sob alegações falsas de não pagamento de impostos. Tratava-se do agravamento de atitudes antissemítas e, por isso, eles viajaram para a Palestina, a fim de observarem a possibilidade de mudança. Após o retorno, Aaron e sua esposa venderam todas as suas propriedade e emigraram, no entanto, Jaffa Mozes decidiu ficar alegando que não queria viver no deserto.¹⁴ Ela não queria abandonar os pais idosos.

3.1.1 As perseguições na escola

Em 1940, o governo húngaro de Miklós Horthy, aliado de Hitler, recebeu dele a parte mais ao norte da Transilvânia e, por isso, Portz foi ocupada por nazistas húngaros. Duas novas professoras dessa nacionalidade trouxeram livros racistas com ofensas e imagens contra os judeus, e o filme curto *Como pegar e matar um judeu*.¹⁵ As gêmeas, aos seis anos de idade, começaram a ser hostilizadas na escola com xingamentos, “judias sujas, fedorentas”, com jatos de cuspes e ataques físicos: “Um dia, vimos, que nosso livro de matemática continha o seguinte problema: Se você tinha cinco judeus e matou três judeus, quantos judeus sobraram? ”.¹⁶ No ano de 1943, ocorreu uma situação terrível: uns alunos colocaram ovos na cadeira da professora que se sentou. As gêmeas foram acusadas por toda a turma e punidas:

Por uma hora, ela nos fez ficar de joelhos sobre aqueles grãos de milho diante da classe. Os grãos duros escavavam a carne de nossos joelhos nus. Mas isso não era o que realmente nos machucava. O que mais nos machucava eram nossos colegas de classe nos zombando, lançando olhares sardônicos para nós, fazendo caras feias e cínicas para nós. Míriam e eu estávamos tão chocadas quanto feridas.¹⁷

Rapazes, menores de 18 anos, membros do Partido Nazista Húngaro, e outros moradores de Portz, que pertencia à Hungria, desde 1940, repetidamente cercavam a casa da família na fazenda, xingavam “Judeus sujos! e “Porcos imundos!” e jogavam pedras nas janelas. Encurralados, eles ficavam até 3 dias sem poder sair da residência.¹⁸ Em junho de 1941, o governo húngaro se uniu ao Eixo e colaborou com as invasões da Iugoslávia e da URSS. A aliança ocorreu sob a pressão da Alemanha, que tinha intensificado o latente antisemitismo na Romênia e na Hungria.

No final de setembro de 1943, a família Mozes tinha planos de fuga, para cruzar a fronteira do lado não húngaro da Romênia, mas, ao sair de sua propriedade rural, foi

¹⁴ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p.18.

¹⁵ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p.24.

¹⁶ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 24 e 25.

¹⁷ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p.26.

¹⁸ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 27.



presa por um sentinela adolescente que os reconduziu à residência, a qual se tornou uma prisão domiciliar. No dia 31 de janeiro de 1944, Eva e Miriam completaram 10 anos, sem direito ao bolo tradicional, pois a mãe estava muito doente, com febre tifoide.

3.2 O gueto regional de Cehei

Em 20 de janeiro de 1942, o General Reinhard Heydrich presidiu a Conferência de Wannsee, que formalizou os planos para a “Solução Final da Questão Judaica”: a deportação e o genocídio dos judeus residentes nos países europeus ocupados pela Alemanha nazista.

No mês de março de 1944, a família Mozes foi aprisionada e levada por uma estrada que estava repleta de vizinhos das propriedades adjacentes e de residentes de Portz que a tudo observavam sem dizer nada:

Até mesmo Luci, minha melhor amiga e de Míriam, estava muito quieta, seus olhos sem cruzar com os nossos quando nos aproximamos de sua casa. Ela não disse que sentia muito nem nos deu nada para que lembrássemos dela e levássemos conosco em nossa viagem. Pouco antes de passar pela casa dela, lancei-lhe um olhar. Ela olhou para baixo. Em silêncio, deixávamos a casa que desde sempre conhecêramos.¹⁹

Os Mozes foram levados em um vagão coberto, puxado por cavalos, para Simleu Silvaniei, cerca de 5 Kms. distante de Portz. Dessa cidade, todos foram conduzidos ao gueto regional de Cehei, um suposto campo de trabalho, localizado perto do rio Barcau, na área romena da Transilvânia. Os 7000 confinados no relento estavam em um local fechado e cercado que tinha uma fábrica de tijolos abandonada. Tal prédio era o quartel-general do comandante. O genitor Alexander foi interrogado para entregar ouro e prata, foi torturado com chicotadas e teve as unhas dos pés e das mãos queimadas com chama de vela. A mãe Jaffa lamentava muito ter recusado a mudança deles para a Palestina. Pessoas não judias se compadeciam e deixavam comida e outros suprimentos às margens do gueto.

3.3 Auschwitz-Birkenau: crianças gêmeas como cobaias humanas

Em maio de 1944, os guardas alemães avisaram que todos iriam para um campo de trabalho na Hungria. Algumas pessoas oravam, quando já estavam na Polônia: “Aqui e ali alguém tentava recitar a *Shemá*,²⁰ prece hebraica para que Deus nos ouça, para que

¹⁹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 31.

²⁰ “Schema Jisrael”, Ouça, Israel”, é o nome de uma fórmula confessional, e de uma oração obrigatória diária, realizada duas vezes (5. Livro de Moisés, 6, 4-5). (KOLATCH, 1996, p. 366).



nos salve".²¹Em uma viagem de trem com duração de quatro dias, sem água e alimentos, com partida de Simleu Silvaniei, por Kosice, no quarto dia de viagem, na chegada em Birkenau, subcampo de Auschwitz, o genitor retomou as orações:²²

O alvorecer finalmente chegou, era a hora em que papai fazia suas preces matutinas. Sacou seu livre de preces e tentou descobrir para qual direção ficava o leste, isso porque judeus oram na direção de Israel, que fica no Oriente Médio. Eu me perguntava como ele podia orar num momento como aquele.

- Papai – eu disse -, nós não sabemos onde estamos. Eles mentiram para nós. Não estamos num campo de trabalho.

- Eva, temos de orar a Deus por misericórdia – disse papai. –

Venha comigo.²³

Em Birkenau, as pessoas recebiam uma tatuagem numérica, tinham os cabelos e os pelos corporais raspados, eram desinfetados e permaneciam em quarentena.

As crianças gêmeas tinham privilégios de usar a própria roupa e de manter o cabelo curto. Eva e Míriam tiveram as tranças cortadas, foram para o banheiro e receberam os trajes bordôs já despiolhados: "Míriam e eu pusemos os nossos vestidos, mas agora cada qual tinha uma cruz vermelha pintada nas costas. Imediatamente, odiei aquela cruz vermelha no meu vestido". No processo de tatuagem, a menina Eva decidiu criar problemas, pois ainda não tinha percebido a dimensão das possíveis punições:

Foi bem ali e naquele momento que eu decidi não fazer nada. Eu lhes daria o máximo de trabalho possível. [...]

Comigo não. Eu não seria mais uma ovelhinha. Quando chegou a minha vez, eu lutei e chutei. O guarda da SS pegou o meu braço. A sensação de sua pegada torcendo a minha pele quase desfez minha resolução.

- Eu quero a minha mãe! – gritei.

- Fique quieta! – ordenou o guarda.

Eu mordi seu braço.

- Traga minha mãe de volta!

- Vamos deixar você vê-la de volta amanhã.²⁴

Eva recebeu o número A7063 e Miriam A7064; ambas foram para o fedorento barracão no Campo II B de Birkenau, conhecido como Auschwitz II, onde estavam abrigados

²¹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 36.

²² *Sidur* (ordem das orações) são os livros para o cotidiano e para o *Sabbat*, e *Machsor* (ciclo de orações) é o livro para os dias festivos (KOLATCH, 1996, p. 168).

²³ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 36.

²⁴ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 43 e 44.



gêmeos de dois aos dezesseis anos, os quais partilhavam beliches de três níveis. A refeição noturna, constituída por uma fatia de pão preto de 6 cms. e uma caneta de café, foi rejeitada por Eva que disse que não iria comer aquilo: “- Não é kosher – afirmei. Em casa, na fazenda, só comíamos comida kosher, alimentos que satisfaziam às exigências da lei dietética judaica, que papai abençoava antes de cada refeição”. As gêmeas húngaras explicaram, que elas teriam de aprender a comer de tudo, e as informaram sobre a função da câmara de gás e do crematório de Birkenau, distante cerca de 3 km de Auschwitz. Eva e Míriam souberam que os nazis iriam “queimar todos os judeus” que não pudessem trabalhar: “- Somos crianças – falei. – Não podemos trabalhar, mas ainda estamos vivas”.²⁵

Na primeira noite, as meninas foram à latrina, viram uma ratazana e os corpos de três crianças nuas mortas jogadas no chão fétido e frio. Eva jurou: “Ficaríamos mais forte, mais espertas, *custasse o que custar*, para não terminar daquele jeito”.²⁶ No dia seguinte, o Dr. Mengele apareceu: “Estava elegante com um uniforme da SS e reluzentes botas de alpinismo com canos altos. Usava luvas brancas e carregava um bastão. Minha primeira impressão foi a de quão bonito ele era, como um astro de cinema”. Ele gritou: “- Como foi que vocês deixaram essas crianças morrerem? [...] – Não posso me dar ao luxo de perder nem uma criança!”.²⁷ O médico tratava as crianças de *meine Kinder* (*minhas crianças*): Algumas das gêmeas gostavam dele e o chamavam de tio Mengele. Eu, não. Ele me deixava aterrorizada. Mesmo naqueles dias, eu sabia que ele não cuidava de nós como um médico de verdade”.²⁸

3.3.1 Dr. Mengele e os experimentos humanos

As crianças gêmeas eram recrutadas pelo médico Josef Mengele, como cobaias humanas, para experimentos na genética e na eugenia de gêmeos,²⁹ com medição da cabeça, dos lóbulos da orelha, do dorso do nariz, dos lábios, e a amplitude, o tamanho e a cor dos olhos:

²⁵ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 47 e 48.

²⁶ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 49.

²⁷ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 51.

²⁸ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 59.

²⁹ “Mais tarde, fiquei sabendo que o Dr. Mengele queria descobrir o segredo dos gêmeos. Um objetivo de seus experimentos era aprender a criar bebês louros de olhos azuis em números múltiplos para aumentar a população da Alemanha. Hitler chamava de arianos os alemães loiros, de olhos azuis e pele clara, a “raça superior” – e nós éramos suas cobaias humanas. A fim de estudar outras anomalias” naturais e tentar descobrir como evitar mutações genéticas, os objetivos de pesquisa de Mengele incluíam anões, pessoas com deficiências e o povo romani (ciganos). Os anões viviam em barracões próximos aos nossos, e por vezes os víamos caminhando pelo campo” (MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 52 e 53).



Todos nós tínhamos de ficar sentadas em bancos completamente nuas. Os garotos ficavam lá também. Fazia muito frio. Não tínhamos lugar para nos esconder. Era constrangedor ficar sem roupa nenhuma. Algumas meninas cruzavam as pernas e se cobriam com as mãos. Outras tremiam de medo enquanto os guardas da SS apontavam para nós e riam. Para mim, a nudez era o aspecto mais desumanizador que havia no campo.³⁰

Durante o processo de medição facial, supervisionado pelo Dr. Mengele, Eva menciona que os auxiliares passavam três ou quatro horas em cada orelha, com outras medições infinitas. O tom de azul dos olhos dela e os de Míriam eram comparados e verificados em uma cartela de cores. O objetivo era observar as semelhanças e diferenças entre as irmãs: “Um fotógrafo fazia fotos; um artista desenhava esboços. Técnicos tiravam raios-x, cinco ou seis radiografias por vez”.³¹ Depois as meninas nuas eram questionadas e recebiam comandos, na presença de um tradutor. Esses deprimentes e ultrajantes encontros duravam de seis a oito horas.

Todas as gêmeas eram acompanhadas por uma enfermeira supervisora, que nas tardes, as torturava moralmente e psicologicamente, destilando sua sociopatia em crianças indefesas:

[Ela] nos ensinava uma canção em alemão. Era “eu sou uma alemãzinha, blá-blá-blá!”. Ela nos punha num círculo e fazia uma garota ficar no centro. Tínhamos todas de andar em volta da garota e cantar: “Blá-blá-blá-blá!”.

- Judias sujas, imundas! – a enfermeira gritava conosco. – Porcas! Ela adorava aquela canção, que dizia que nós, crianças, éramos repugnantes. Odiávamos aquela enfermeira. Pelas costas a chamávamos de Cobra”. [...]

- Quem vocês pensam que são? – perguntava.

Nós não respondíamos. Tampouco ela esperava uma resposta.

- Pensam que são espertas porque ainda estão vivas? – perguntava a Cobra. – Pois estarão mortas em breve. Vamos matar todas vocês. [...]

Durante a maior parte do tempo, sentíamo-nos entorpecidas.

Manter-nos vivas era a coisa mais importante. Sabíamos que estávamos vivas por causa dos experimentos. Por causa de um afortunado acidente da natureza.

³⁰ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 53.

³¹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 53.



Porque éramos as gêmeas de Mengele.³²

Manter o cabelo curto era um privilégio das crianças gêmeas, bem como o banho semanal com sabonete. Apesar das roupas serem desinfetadas, já no início da estadia em Birkenau, elas estavam com piolhos: Desta vez, o banho foi em uma banheira com um líquido branco, que provocou irritações nos olhos, queimaduras nas pernas e ocasionou manchas vermelhas.

Dr. Mengele estabeleceu uma rotina para as crianças: às segunda, quarta e sexta presença nos laboratórios de estudos em Auschwitz, e às terças, quintas e sábados ida aos laboratórios de sangue em Birkenau:

Duas pessoas trabalhavam em mim ao mesmo tempo. Um médico introduzia uma agulha no meu braço esquerdo para tirar sangue. Retirava o equivalente a um frasco e então injetava de novo. Eu podia ver mãos levando embora frascos de um vermelho vivo, de meu sangue. Recordo-me de me perguntar: *Quanto de sangue posso perder e ainda assim continuar vivendo?* Enquanto isso, outro médico me dava uma injeção de alguma coisa em meu braço direito. Injetou em mim cinco agulhas sem remover a primeira. O que ele estaria inserindo no que restou do meu sangue?³³

Antes da chamada diária, realizada no pátio externo às 4 horas, e nos dias reservados para a coleta de sangue, Eva e Míriam ajudavam a pajear as crianças menores em um quintal cercado, anexado ao barracão dos gêmeos. Elas aprenderam a tricotar com algumas gêmeas mais velhas: pedaços de arame farpado foram adaptados, como se agulhas especiais fossem. Um suéter surrado foi desfeito

e os fios eram reaproveitados. Uma garota tricotava até o fio terminar e a seguinte desfazia o trabalho, recomeçando a sua parte: “Não se tratava de chegar a um produto acabado – um gorro, um cachecol ou um par de meias. Tricotar distraía a mente de nossos problemas”.³⁴

Certo dia, elas viram uma carroça de cadáveres e uma menina reconheceu o corpo materno: “Mamãe! É a minha mãe!, e explodiu em lágrimas. Ela soluçava, sua angústia indo num crescendo até se transformar num pranto enquanto a carroça continuava o seu caminho. Eu senti muito por ela. Não sabia o que fazer”.³⁵

³² MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 54.

³³ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 59.

³⁴ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 63.

³⁵ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 83.



3.3.1.1 Uma doença injetada em Eva

Em um sábado de julho de 1944, somente Eva recebeu uma injeção: teve febre alta, palpitação, quentura na pele e tremedeiras. Na segunda-feira, ao acordar para participar da contagem diária, a menina sentia tontura, calafrios, além de ter manchas vermelhas nos braços e nas pernas, que tinham um inchaço descomunal. Provavelmente, a injeção inoculou béribéri ou febre maculosa.³⁶

Eva estava apavorada, pois temia que sua doença fosse constatada, no entanto, as sirenes de ataque aéreo foram acionadas e aviões com bandeiras dos EUA pintadas nas asas apareceram. Era um sinal de esperança pelo final da guerra. As crianças aplaudiram muito e Eva foi conduzida ao Edifício nº 21, próximo do crematório, onde ficou no quarto com Vera e Tâmara, gêmeas sem a irmã respectiva, ambas com catapora: “Lembro-me da leitura do Vale da Morte na Bíblia; a enfermaria se parecia com aquele vale. Era o pior lugar que eu já havia estado. [...] *Eu não posso morrer*, disse para mim mesma. *Eu não vou morrer*.³⁷ No dia seguinte Dr. Mengele a visitou com quatro médicos e declarou que a paciente iria viver cerca de duas semanas. A conversa entre eles foi em alemão, idioma conhecido por Eva que não recebia nenhum tipo de alimento como as demais internadas. Míriam conseguiu enviar pedaços de pão para a irmã. A sede era intensa:

Havia uma torneira na extremidade do barracão. Eu me lembro de ter escorregado para fora da cama, ter aberto a porta e rastejado pelo chão até chegar à torneira. O cimento áspero raspava a minha pele, esfriando a minha barriga. Eu estendia as mãos para a frente e arrastava o corpo de quatro, serpenteando devagar pelo piso coberto de dejetos e baba. Às vezes eu desmaiava e então acordava e me movia pouco a pouco para a frente. [...] Ainda assim a cada noite durante duas semanas, eu ia me arrastando até aquela torneira.³⁸

Naquele ambiente sórdido havia uma pessoa bondosa, a supervisora de bloco, que tentava ajudar, trazendo pão à noite e arriscando a própria vida. Uma vez, ela deu à Eva, Vera e Tamara um pedaço de seu bolo de aniversário: “Que deleite! Era tão bom, tão doce. Nós o devoramos, lambendo os dedos e depois lambendo o papel que tinha envolvido o bolo. Mesmo em Auschwitz, algumas pessoas eram humanas”.³⁹

Uma enfermeira prisioneira, duas vezes ao dia, tirava a temperatura continuamente para controle da febre. Com as colegas Vera e Tâmara, a menina Eva aprendeu um tipo de técnica para registro da quentura do corpo. Depois que o termômetro era

³⁶ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 68.

³⁷ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 6.

³⁸ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 69.

³⁹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 70.



positionado debaixo do braço: “eu tirava o termômetro, lia-o e o sacudia um pouco. Então o colocava quase inteiro sob a minha axila, mas deixava de fora a sua extremidade posterior para que não registrasse mudança alguma”.⁴⁰ O objetivo era esconder, que a febre estava baixando, e que havia melhora em seu estado de saúde. O receio de Eva era que ela pudesse receber outra injeção com doenças. Depois de três semanas, milagrosamente, ela foi liberada.

3.3.1.2 A melancolia de Míriam, a *Muselman*, e a luta de Eva pela sobrevivência física

Durante o período de internação de Eva, a frágil Míriam ficou desesperada com abalo físico e psíquico, atingindo a condição de *Muselman*, um termo utilizado nos KZ (*Konzentrationslager*), o de aniquilamento e de desesperança, segundo explica Giorgio Agamben em *O que resta de Auschwitz*: o arquivo e a testemunha: “Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia”.⁴¹

Nas duas primeiras semanas, a menina Míriam foi mantida em um “confinamento solitário”, e depois foi levada ao laboratório, onde recebeu muitas injeções: “As doses atrofiaram o crescimento de seus rins, mantendo-os do tamanho de rins de uma garota de dez anos. Eu jamais descobri a finalidade desse experimento em minha irmã”.⁴²

Míriam estava fraca e com desinteria persistente e, por isso, Eva aprendeu a “organizar”, a buscar alimentos, sob risco de punição: havia uma forca no Bloco 11. No início, ela pegou um copo, tentou roubar batatas, foi descoberta, mas não denunciada. Como voluntária para ajudar a carregar um imenso caldeirão de sopa até o barracão delas., Eva conseguiu afanar três batatas na cozinha que foram cozidas no meio da noite, no fogão de tijolos-aquecedor dentro da moradia das gêmeas.

3.4 O começo do fim: a explosão do Crematório IV por judeus (7 out. 1944) e a reação dos nazistas (jan. 1945)

Durante a noite de 7 de outubro de 1944, o Crematório IV, em Birkenau, explodiu: os responsáveis eram judeus do *Sonderkommando*, responsáveis pela incineração de corpos de colegas prisioneiros, que conseguiram explosivos da fábrica local, cedidos pelas empregadas escravas judias. Havia boatos da aproximação dos aliados, dos exércitos norte-americanos, britânicos e soviéticos.

Após tal ato de sabotagem, Dr. Mengele continuou com os seus experimentos. Houve a mudança dos gêmeos para o campo dos ciganos, outros tipos de cobaias do médico, que tinham sido levados para as câmeras de gás. Eram cerca de 2000, a maioria crianças e mulheres, os quais tinham deixado cobertores e pinturas nas paredes. Durante a contagem diária matutina, foi constada uma fuga feminina e, em consequência, todas

⁴⁰ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 70.

⁴¹ AGAMBEN, 2008, p. 49.

⁴² MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 71.



as pessoas ficaram de pé, sob a neve, das 5 às 16 horas. Expostas ao odor dos crematórios e ao frio intenso, elas tiveram os pés congelados.

No início de janeiro de 1945, os guardas do SS organizavam a evacuação do campo de Auschwitz e de Birkenau, para apagar vestígios do crime. Eva e Míriam permaneceram, mas o Dr. Mengele, os guardas e os membros da SS tinham fugido.

Míriam ficava no barracão para proteger os poucos pertences delas. Por uma abertura no arame farpado, Eva e outras saíam para “organizar”, um termo utilizado pelos prisioneiros, que significava procurar alimentos. Nos inúmeros armazéns, conhecidos como Canadá, considerada uma terra de prosperidade, tinham pertences dos judeus até o teto, as crianças procuraram roupas, sapatos e cobertores. Mas, elas foram surpreendidas pelo retorno de quatro nazistas em um jeep:

Eu me lembro de ver o cano de uma arma apontada para a minha cabeça, a pouco mais de um metro de mim, e então apaguei. Quando acordei, pensei que estivesse morta. À minha volta, eu via corpos.

Tudo bem. Estamos todos mortos, pensei. Aí mexi os braços. Depois mexi as pernas. Toquei a pessoa ao meu lado, mas não houve movimento algum. Seu corpo estava frio. *Aha!* Ela estava morta, mas eu estava viva!

Eu me levantei, agradecida por estar viva. Achei que devia ter um anjo da guarda, que me fez desmaiar antes que as balas me atingissem, já que eu não tive tempo de pensar ou fazer qualquer coisa para me salvar.⁴³

Os nazistas explodiram o crematório e os armazéns Canadá, em Birkenau, bem como incendiaram o barracão das gêmeas. Os aliados bombardeavam: “Era como se o mundo estivesse em chamas”. À noite, os alemães forçaram uma marcha para Auschwitz: “Em uma hora, mil e duzentas tinham sido mortas no caminho. Apenas sete mil chegaram aos barracões”.⁴⁴ Na multidão, as gêmeas se perderam e se reencontraram depois de 24 horas: “Afundei em seus braços, sentindo-me como se fosse o Hanukkah [Chanuka]. Era um milagre”.⁴⁵ O Chanukah era a celebração do fim do domínio babilônico entre os judeus.

Depois da fuga dos nazistas, Míriam sentiu seus pés congelados. Durante 9 dias, Eva, e outras crianças procuraram comida em locais de armazenamento, nas moradias dos membros dos SS e na residência- sede nazista, onde encontraram alimentos sobre a

⁴³ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 80.

⁴⁴ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 81.

⁴⁵ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 84.



mesa. Eva pegou um pedaço, mas o recusou, pois tinha medo de estar envenenado. Outra vez, elas comeram chucrute e pão, e seguiram à busca de mais mantimentos:

Dessa vez, estávamos habilidosas em vasculhar algo para comer. Eu havia organizado um lenço, e ele se tornou uma ferramenta mais preciosa. Num porão, nós nos deparamos com uma enorme pilha de farinha. Estendi meu lenço quadrado e o enchi com um tanto da farinha. De volta ao barracão, misturamos a farinha com algum líquido e assamos um bolo em cima do forno. Era como o pão ázimo que os judeus tinham comido quando, na Bíblia, tiveram de deixar o Egito às pressas, sem tempo de esperar que o pão crescesse. Era o matzá da Páscoa judaica⁴⁶ no campo de concentração.⁴⁷

Em uma manhã, as colegas seguiram para o rio Vístula que ficava nas proximidades de Auschwitz. O objetivo era quebrar o gelo, afundar as garrafas e pegar água fresca para ser fervida. Eva viu do outro lado uma menina com tranças, vestido e casaco limpos, que deveria ter a sua idade. Era uma criança não judia com uma mochila, rumo à escola:

Até aquele momento, eu tinha pensado que todo mundo estava num campo de concentração como nós. Mas percebi que isso não era verdade.

A garota me encarou. Olhei para mim mesma com roupas esfarrapadas, enxameada de piolhos e com um casaco e sapatos alguns números maiores. Eu estava faminta e lutando para ter comida e água. Não sei o que ela pensou, mas olhei de novo para ela e pude sentir o fogo da raiva se alastrando em mim. Eu me senti traída. Míriam e eu não tínhamos feito nada de errado. Éramos apenas garotinhas como ela. Por que estávamos naquela situação enquanto ela estava lá, tão bonitinha e limpa, levando uma vida perfeitamente normal? Era tão errado, inconcebível para mim. Mas lá estava ela. E ali estava eu.⁴⁸

3.4 A libertação e o repatriamento

⁴⁶ O matzá, mazza ou mazzot é um pão ázimo, sem fermento, que faz parte da culinária da Pessach, a Páscoa judaica, que celebra a saída do Egito. Em *Êxodo* 12: 15 consta que Deus ordenou aos israelitas (judeus e samaritanos) que comessem esse tipo de alimento durante os sete dias do Pessach.

⁴⁷ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 87.

⁴⁸ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 88.



Em 27 de janeiro de 1945, o exército soviético liberou os campos de concentração de Auschwitz e Birkenau, no qual foram encontradas 180 crianças, a maioria gêmeas, que receberam biscoitos e chocolates: "Lancei os braços em torno de um soldado soviético, e ele me pegou. Eu o abracei com Míriam me agarrando de lado. Todo mundo estava a se abraçar, e se beijar, e gritar: "Estamos livres!".⁴⁹ À noite, houve celebrações com música e danças, e Eva decidiu regressar para Poltz. Na tarde seguinte, as crianças gêmeas, que nunca usaram uniformes listrados, tiveram que vesti-los sob suas roupas. Formaram um cortejo, iniciado com uma enfermeira com uma criança no colo, ao lado de Eva e Míriam. A movimentação foi realizada várias vezes: "Anos depois descobri que o cinegrafista queria captar a cena como parte de um filme de propaganda, mostrando ao mundo como o exército soviético havia resgatado crianças judias dos fascistas".⁵⁰



Figura 2 – As irmãs Mozes na frente da fila
(filme do soviético Alexander Voronzow, 28 jan. 1945)

Eva e Míriam foram enviadas para a cidade de Katowice, na Polônia, inicialmente, para um orfanato, instalado no Mosteiro, onde receberam hospedagem com camas e roupas limpas: "As freiras também colocaram brinquedos bonitos em nosso quarto, mas eles me deram raiva. Eu tinha onze anos, mas já não sabia como brincar". Elas necessitavam de afeto: "Em Auschwitz, eu havia lutado para manter a mim mesma e a Míriam vivas. Agora eu só queria ir para casa. As freiras não sabiam o que fazer conosco. Consideravam-nos órfãs". Criadas no judaísmo, as meninas não queriam ficar no local católico: "cruzes, crucifixos e pinturas da Virgem com o Menino estavam à nossa volta, e achávamos estranho. Eu ansiava por um lugar mais familiar. Ficava imaginando o que o meu pai, sendo um judeu religioso, iria pensar se visse a mim e a Míriam num mosteiro"⁵¹ As gêmeas podiam passear de bonde por Katowice sem pagar passagem, bastava mostrar "os números tatuados no braço". Elas foram para um campo de deslocados, onde se reuniram com suas conterrâneas: a sra. Goldenthal e seus filhos gêmeos, Alex e Erno, e a sra. Csengeri e suas filhas gêmeas, a qual costurou das grandes túnicas cáquias dos russos, vestidos para as Mozes. Por

⁴⁹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 92.

⁵⁰ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 94.

⁵¹ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 98 e 99.



serem menores de idade, a sra. Csengeri assinou, em março de 1945, um documento com as freiras, para a ser responsável pelas gêmeas Mozes no campo e para em viagem para Czernowitz, localizada perto da fronteira com a Romênia, onde permaneceram em um tipo de campo ou gueto, durante quatro semanas. Posteriormente, todos seguiram para um campo de refugiados internacionais em Stutsk, perto de Minsk, na União Soviética. Reunidos por país de origem, os sobreviventes seguiram para a Romênia: em Nagvàrad (Oradea) ficaram a sra. Goldenthal e filhos; e em Simleu Silvaniei desceram a sra. Csengeri e filhas, bem como Eva e Míriam que embarcaram para Portz:

De mãos dadas, Míriam e eu caminhamos pelo vilarejo. Estávamos usando nossos vestidos idênticos, feitos a partir de túnicas cáqui soviéticas, e eu ainda tinha os sapatos do campo, duas vezes o tamanho de meus pés. [...] A pessoas saíam de suas casas e sussurravam entre si. Ninguém falava conosco diretamente. Apenas nos observavam à medida que descíamos a rua. Míriam e eu ainda parecíamos as mesmas. Eu tinha a sensação de que os habitantes do povoado sabiam quem éramos.⁵²

Na fazenda da família, o mato estava alto, a casa fora totalmente pilhada e somente encontrava-se a cadelinha Lily, da mãe delas: “Foi nesse momento que percebemos, Míriam e eu, que éramos tudo o que havia restado da família Mozes. Vovó e vovô Hersch – a razão principal de minha mãe não fugir para a Palestina – também tinham sido levados. Não havia mais ninguém”.⁵³ Eva encontrou três fotos familiares amassadas no chão. O primo Schmilu, sobrevivente de Auschwitz, apareceu mais tarde, pois a tia Irene o tinha avisado da chegada delas, depois de ter feito um rastreamento pela Cruz Vermelha:

Eu não me sentia confortável na casa, muito embora ele fosse nossa. Já não me sentia mais como pertencendo àquele lugar. Míriam e eu não tínhamos casa, nem pais, nem irmãs. Mas ainda tínhamos uma à outra.

Deixamos o primo Shmilu. Os habitantes do vilarejo estavam em seus portões e, em silêncio, nos observaram ir embora. Eu sentia raiva deles, mas não disse nada. Embarcamos num trem que levaria a mim e Míriam à grande cidade de Cluj, para nos juntarmos à nossa tia.

⁵² MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 105.

⁵³ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 106.



Faríamos uma nova vida para nós de alguma forma.⁵⁴

Durante cinco anos, de 1945 a 1950, as meninas viveram no apartamento luxuoso de Irene, que perdera marido e filho em um campo de concentração, e tinha realizado trabalho escravo em uma fábrica de bombas na Alemanha. Aos dezesseis anos, Eva e Míriam chegaram com a tia Irene em Haifa, Israel, e foram viver no *Youth Aliyah Villages*, as fazendas comunitárias:

Naquela noite e em cada sexta-feira à noite, todos os jovens se reuniam numa enorme sala de jantar para saudar o Shabbat, o Saba judaico. Havia velas e vinho nas mesas. Todos nós vestíamos camisas brancas. Duas garotas foram designadas a mim e a Miriam como “irmãs mais velhas” e fizeram com que nos sentíssemos em casa. Após as orações, todo mundo começou a cantar e a dançar a *hora*. Mas eu não sabia como. Será que eu consigo dançar isso?, eu me perguntava. Minha irmã mais velha pegou na minha mão. A irmã mais velha de Miriam pegou na dela, e todos se deram as mãos e formaram um círculo. Dançamos para a direita, e eu não conhecia os passos, mas fui acompanhando. Com os braços erguidos para o alto, dançamos juntos, garotos e garotas, todos nós cantando “Hava Nagila”. Rindo, dançamos, rodando e rodando, e mais e mais rápido. Eu dançava a *hora* e estava cheia de alegria. Miriam e eu finalmente éramos parte de uma nova, grande e acolhedora família.⁵⁵

Em 1952, as gêmeas serviram ao exército israelense: Míriam formou-se em enfermagem e Eva, sargento-mor, tornou-se projetista de máquinas e de plantas de edifícios. No ano de 1960, depois de um namoro relâmpago, ela casou-se com um turista dos EUA, Michael Kor, emigrou para Terre Haute, Indiana, e teve dois filhos Alex (1961) e Rina (1963). Eva Mose Kor fundou um pequeno Museu do Holocausto (1995), transformado no *CANDLES Holocaust Museum and Education Center* (1995). Ela foi tema do documentário *Forgiving Dr. Mengele*. Míriam adoeceu dos rins, por causa dos experimentos em Auschwitz; em 1987, os órgãos falharam. Eva doou o rim esquerdo e a irmã conseguiu viver até 6 de junho de 1993.

Conclusão

O estudo “Infância roubada: testemunho infantil em *As gêmeas de Auschwitz: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno* (2020), de Eva Mozes Kor (1934-2019)”, mostrou representações literárias biográficas sobre a alteridade de crianças judias, imersas na infame engrenagem nazista durante a II

⁵⁴ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 108.

⁵⁵ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 118.



Guerra Mundial. Esse conflito, que exacerbou o antisemitismo europeu e atingiu milhões de pessoas na Europa, abalou profundamente as gêmeas de 10 anos de idade, Eva e Míriam.

As gêmeas de Auschwitz é um testemunho de um trauma, vivenciado por duas crianças, dividido em 14 capítulos sem títulos, que revela uma faceta da “memória coletiva” (Halbwachs), a da perseguição mortal dos judeus nos anos 1939 a 1945.

Segundo Seligmann-Silva, o relato e o testemunho refletem uma ambiguidade, de um lado, a necessidade do sobrevivente em narrar o pesadelo vivido na realidade, e, de outro, a precariedade da linguagem para expressar a tragédia.

Aos 6 anos de idade, Eva Mozes e Míriam começaram a sofrer por serem judias, pois os colegas as insultavam e a professora, depois de uma cena montada com um ovo em sua cadeira, as puniu de modo cruel: elas tiveram que se ajoelhar em grãos de milhos secos. Além disso, as crianças tiveram que ler livros antisemitas, bem como assistir a um filme racista.

No momento da prisão na fazenda da família, todos foram conduzidos pela vila de Portz e a amiga dileta, Luci, sequer as olhou. Aquele cortejo assustador teminou na estação de trem e em uma vagão que conduziu a todos até o gueto de Cehei, e, posteriormente chegou até Birkenau. Na plataforma de chegada, os pais e as irmãs das crianças desapareceram e as duas foram identificadas como gêmeas. Foi o início de uma vida solitária, sem nome, representado por uma tatuagem numérica do antebraço, sem os familiares, sem afeto, sem segurança, sem alimentação e sem vestimentas adequadas para o rigor do inverno. A infância tinha terminado: “Estar em Auschwitz era como estar num acidente de carro todos os dias. Todos os dias acontecia algo terrível”.⁵⁶

O terror cresceu com o início dos experimentos com o Dr. Mengele e Eva assumiu aos 10 anos de idade o lugar de mãe da frágil Míriam. Um dos momentos mais impactantes vivenciados por Eva foi o da sede que tinha, depois de ter sido inoculada por uma doença desconhecida. Disposta a sobreviver, à noite, ela se arrastava pelo chão áspero e frio até uma torneira de água. Outro episódio impressionante, ocorrido depois da fuga dos alemães e da chegada dos soviéticos, foi a ocasião em que Eva, ainda em Auschwitz, perto de um rio, viu uma menina de sua idade, que ia para a escola. Nesse momento trágico, ela percebeu que outras crianças de sua idade levavam uma vida normal, por não serem judias.

Na chegada das crianças, aos 11 anos de idade, em Portz e na fazenda familiar, e com a consciência que eram órfãs de guerra, Eva e Míriam constataram a ruína da casa e a da própria família. A infância tinha ficado para trás. Na época da organização da

⁵⁶ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 55.



partida para Israel, elas tiveram que abdicar de direitos de propriedade, pois o instaurado governo comunista queria doar as terras para outros agricultores.

Eva e Míriam Mozes perderam tudo por causa do antisemitismo nazista: a vida familiar, os pais e as irmãs, a infância, as terras e a pátria. Praticamente, elas foram induzidas à emigração para Israel, uma terra totalmente estranha. Toda a sofrida trajetória das gêmeas – de Portz, para o gueto de Cehei, rumo a Auschwitz, e depois para Haifa, foi pautada pelo antisemitismo alemão.

As duas irmãs sofreram com vários problemas de saúde, ao longo de suas vidas. Eva teve vários abortos espontâneos e tuberculose. Seu filho adoeceu com câncer. Míriam viveu com rins em tamanho infantil e morreu de câncer, em 1993.

A obra, *As gêmeas de Auschwitz*, publicada em 2020 na Inglaterra, foi escrita em colaboração com Lisa R. Buccieri, com o Epílogo de Eva, Posfácio de Peggy Tierney e Nota de Lisa R. Buccieri, a qual destaca: “Eva sempre soube que a sua história era importante para o aprendizado dos jovens” e “O maior sonho de Eva era o de que seu livro fosse usado em escolas para ensinar os jovens acerca do Holocausto e servisse de inspiração para que suas lições fossem usadas em suas próprias vidas”.⁵⁷

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Silvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BUCCIERI, Lisa R. Nota. In: MOZES KOR, Eva; BUCCIERI, Lisa R. *As gêmeas de Auschwitz: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno*. Tradução de Saulo Kriger. São Paulo: Faro Editorial, 2023. p. 151 e 152.
- COSTA, J. *Sem moderação*: a importância do afeto na primeira infância. 15 jul. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/criancas/sem-moderacao-a-importancia-do-afeto-na-primeira-infancia,88a6539f593106d01c19a276c19227ack953rnxi.html?utm_source=clipboard>.
- GLOSSÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. OEI. Ministério da Educação. Disponível em: <<https://oei.int/downloads/disk/>>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- KOLATCH, Alfred J. *Jüdische Welt verstehen. Sechshundert Fragen und Antworten*. Wiesbaden: Fourier Verlag, 1996.
- KRAMER, Sônia. *A política pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo: Cortez, 1995.

⁵⁷ MOZES KOR; BUCCIERI, 2023, p. 151.



MOZES KOR, Eva; BUCCIERI, Lisa R. *As gêmeas de Auschwitz*: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno. Tradução de Saulo Kriger. São Paulo: Faro Editorial, 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 59-88.

WISTRICH, Robert S. *Hitler e o Holocausto*. Tradução de José Roberto O' Shea. Revisão de Marta M. O' Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Enviado em: 23/09/2024

Aprovado em: 30/10/2024